



# GIL VICENTE

Semanario monarchico integralista  
(Litterario e Noticioso)  
Orgão e propriedade da  
Junta Municipal de Guimarães  
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO  
Pardiez! siete arrepolones  
Ala pegaron a la entrada  
Mas yo de una puñada  
A uno de los rascones  
VÁQUETRO

Director:  
D. José Ferrão,  
Adm. e Editor:  
Domingos F. Guimarães.  
Camp. e imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua de Gil Vicente, 31 e 36—GUIMARÃES

## .. A PEDRA FILOSOFAL ..

O senhor Dr. Alfredo Pimenta, no intuito louvável de aringar a chamada «causa monarchica» do beco sem saída a que a conduziu a politica estúpida dos conselheiros e dos videirinhos, concebeu a ideia da realização de um congresso monarchico em que se debatessem largamente questões doutrinaarias, porque á sua consciencia de portuez e á sua inteligencia de homem culto repugna esta cousa indecente: a «causa monarchica» não tem doutrina, não afirma doutrina, não se bate por uma doutrina, não tenta impôr uma doutrina! É um alfrebo de despeitos, de odios, de descontentamentos, de vaidades de subbiosmos, de ambições, tudo cousas pequeninas e mesquinhas; e—como S. Ex.ª diz, justamente enojado—entretém-se a agredir a republica e a ajudar a ganhar a vida a umas dezenas de monarchicos! Fora disto, trata do *caldéu eleitoral* e serve de mamadeira a habillidosos que a exploram «a titulo de cooperacão misteriosa»...

Devo notar de passagem que estas opiniões são recentes no espirito do senhor Dr. Pimenta. Ainda não ha muitos mezes, em resposta a um golpe certeiro de Trindade Coelho, o autor do Livro das Chimeras escrevia no «Correio da Manhã»: «Programa fundamental da Monarquia? A Monarquia não é uma intelligençia, nem um sentimento uno. Cá dentro ha os reaccionarios como eu que preconizam uma Monarquia progressiva nas intenções e racionaais nos processos, e ha liberaes que defendem uma Monarquia integralmente liberal. Todos nós pensamos servir a Nação dentro dos nossos pensamentos e segundo as oportuñdades».

Não nos preocupemos com o que possa ser aquella monarchica «progressiva nas intenções e reaccionaria nos processos» que o illustre publicista preconiza. Cheira nos a um absolutismo jacobino, o Conde de Oeiras de braço dado com José do Vale, mas... adeante.

Depois de escrever e dar á estampa uma tão fraca e infeliz defeza do cáos da Heia adentro da «causa monarchica», o senhor Dr. Pimenta deve ter sentido remorsos. Desses remorsos nasceram aquelas opiniões posthiores, diametralmente oppositas. Felicitamo-lo pelo desassombro com que reconheceu o seu erro, prestando culto á verdade.

Ocorre, porém, agora, perguntar de quem é a culpa de a «causa monarchica» não ter uma doutrina, não afirmar doutrina, não se bater por uma doutrina, não tentar impôr uma doutrina?

A resposta não oferece duvidas de qualquer especie: a culpa é do senhor Dr. Alfredo Pimenta e dos que como ele, por considerações que seria longo apreciar, julgam poder, impaneamente, eximir os seus actos á logica inflexivel dos principios

que aprezoam. Deixam, assim, de proceder com sinceridade e com franqueza, para procederem com «habillidade», equalando-se aos «habillidosos politicos» para quem Politica significa mistificação, embuste, manigancia e a quem as palavras servem para mascarar e ocultar as intenções.

Claro está que a sua autoridade moral e intelectual ha-de sentir-se, pois toda a gente vê que não é possivel, ao mesmo tempo, servir a Deus e ter pacto com satan-z.

Houve quem achasse excellente a Heia do Congresso e houve até quem zuzisse o seu autor por via deli. Nem tanto ao mar, nem tanto á terra...

Um congresso monarchico para ventilar doutrinas e fixar uma doutrina... é simplesmente uma chimera que o senhor Dr. Alfredo Pimenta tem de incluír na segunda edição do seu Livro das Chimeras. Nem mais, nem menos!

Não é nos congressos que se ventilam doutrinas ou se fixa uma doutrina quando se trata de ideias politicas, moraes, religiosas e de concepções filosoficas que constituem a estrutura intima dos homens que vivem pelo pensamento, nas lutas de espirito. Nos congressos discutem-se, quando muito, «eporniores secundarios», ventillam-se, quando muito, «modos de applicação» e nada mais.

Congressos para ventilar e fixar doutrinas são os congressos dos «partidos politicos» em que se debatem, num simulacro de torneio intellectual, os palavrosos programas que todos nós conhecemos. Mas isso é outra cousa. Ai os estomagos e os interesses são tudo; a ideia, o pensamento... nem á lupa se enxérgam.

Ora, en suponho que o senhor Dr. Pimenta não quera ir para o Congresso discutir o programa do partido monarchico... da republica.

Quero mais: quero saber o que será a futura Monarquia. Tenha paciencia, um congresso monarchico não pode responder-lhe. Se tem uma ideia, exponha-a com franqueza, com nitidez e ligu catequese.

Reuna-se depois em congresso com os que pensarem da mesma forma... e tenha a coragem de declarar-se adversario dos adversarios das suas ideias.

Descendo á hipotese: o illustre publicista que recentemente se afirmou «cada vez mais integralista, cada vez mais reaccionario» não pode, sem logismo, considerar-se correligionario ou sequer aliado dos adversarios irredutíveis do seu integralismo, do seu reaccionarismo, como são os liberaes Morira d'Almeida, Anibal Soares e quejandos... Corra com eles. Já que se arvorou em mentor de uma parte da mocidade, saba medir as responsabilidades que sobre si pesam: dê um golpe de Estado dentro dessa chafarica que se chama «causa monarchica» e depois... venha ter connosco.

Nós não vamos para lá porque, felizmente, já não temos as iluzões que ainda lhe embulham o espirito. O tem o se encarregar de lh'as desfazer...

O Conselho Paralitico (deixem-me chamar-lhe assim, como se diz *Li dea ro*, nos remoque e n voz baixa) fez muito bem em não concordar com a ideia do Congresso.

Simplemmente essa discordancia nao se baseia nas considerações que ali ficam, mas numa razão de cobardia. Eu dou um doce (que é o premio dos impossiveis) a quem conseguir levar a um congresso para discutir doutrinas os mocções do hiao da Cuta!

Mas, se por um bamburrio uma revolução monarchica triumphasse, eles appareceriam, depois da vitória, a redigir assim um decreto:... «considerando que a aclamação de S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel II importa o reconhecimento e accitação das leis constitucionaes do Reino que o mesmo Augusto Senhor jurou cumprir e guardar... (Vide decreto n.º 8 da Junta Governativa do Reino—20 de Janeiro de 1919).

Se nós ainda vém s o senhor Dr. Alfredo Pimenta a dar vivas á Carta por amor do Senhor D. Manuel!...

Alfonso LUCAS.

## SALVÉ, PATRIA NOSTRA!

Ainda não ha muito, dizia o illustrissimo e heroico Bispo de Beja, na Capela da Encarnação, em Lisboa, orando sobre a martir epopeia de 9 d'Abri!l, que a Patria se espedecara de nós, deixando-nos vagar neste mar tórvo de torturas inclementes.

Não será bem assim. Nós é que nos hemos esquecido talvez da Patria que nos contempla sempre, olhando o momento solene da sua libertação, que os portuguezes lhe devem e vão de novo a começar, arrestando com a tempestade bramidora que as catacumbas hediondas abrigam e saltam no ancio tenebroso e profano de tudo demolir, até a Imortalidade a que ela ascendeu em auras d'ouro e essencias de luz.

Divino sopro lhe dá vida. E quando a morte parece proximo a tragá-la, energia nova surge a ampará-la, a ergue-la, incensando-a da mais bela esperança, que a saudade illumina melhor.



## D'AQUEM E D'ALEM ONDAS

Es-me, do mundo, sobre a pobre aldeia,  
Alargando, em redor, a alma e o olhar,  
Beijam-se a terra e o céu; e é todo o ar  
Um beijo que palpita e se incendia.

Em colta, contra mim, a maré-cheia  
Dos pinheirais. Ao longe, o imenso mar,  
Onde a montanha desee, a agonisar  
Nas contorsões e livides da areia.

Ao fundo, o vale, em frouxos de verdura;  
E a triste aldeia, desmanhada e escura,  
Como um ninho desfeito ao vendaval...

A terra, foge de si propria! Afita,  
Aqui e alem, no mar se precipita...  
—E lá se vai nas ondas Portugal!

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA,

Onde ha um povo Imortal a morte não tem poder. Demora o instante balsamico que nos aquece a alma, mas o olvido jamais a atinge e antes uma guarda nobre lhe vela o altar.

Portuguezes, que o sois, de novo vae descer á liça da batalha a Junta Central do Integralismo Lusitano, guardiã denodada da mais superior aspiração; o regresso de Portugal á posse de sua Casa, onde a Liberdade do crime e encarcera, o oprime e o quere matar.

Uma cilada asquerosa do Constitucionalismo monarchico lhe quiz demorar o passo, accusando-a de ser complice do bem-estar da republica para que a Monarquia continuasse proscriita.

Nobrememente ella se quedou e lhe cedeu o campo para livremente levar ávante o que tanto quera em sua felicidade maior.

Um ano já volveu, e a Monarquia proscriita ainda não voltou, quando era esperada em dois mezes a subir o Tejo dos seus amores.

Tempo largo já corre, e a geração nova ao desamparo vae á estrada espinhosa para seu futuro legado pelos bandos salteadores do bem patrio: o patrimonio nacional estacelado e sem aspectos que lhe deixem vislumbrar o começo da reconstrucção.

O luto aumenta numa desolação maior a confranger a alma, a baquear o espirito,

Ciprestes cada vez mais, auroras cada vez menos.

Um ano é muito tempo, e a Geração nova é o já, sem casa em que se lhe dê abrigo,

Pois bem, que de vez para todo o sempre se erga o pendão de Guerra da Nação contra o Estrangeiro, e vamos á Liberdade que nos encarcera, á Fraternidade que nos luzila, á Igualdade que nos desonra, a rasgar-lhe a mascara de Civilisação criminosa, de Progresso fatidico, e bradar depois ao mundo inteiro: — Portugal é livre!...

Mas tudo isto é pouco, é nada mesmo; são harpejos de ventadas incompletas, insatisfeitas.

Ergamo-nos mais, e voltamo-nos aos vindouros, antes que Deus nos chame, a dizer-lhos: somos dignos de Portugal, Portugal é vosso!

Salvé, Patria Nostra!... Par Deus, pela Patria e pelo Rei, o Integralismo Lusitano vae de novo descer á liça da batalha para lutar até morrer ou para lutar até vencer.

Oras com S. Nuno em Valverde pela nova manhá de Ourique!

Ponte e SOUSA.

## INTEGRALISMO!

—escol magnifico de jovens e intelligençias moças ao serviço de uma ideia que é a junção viva de Portugal livreto, emancipado, dignificado e redimido.

